

MÚSICA E ARQUÉTIPO

OUVIR MÚSICA É ARQUETÍPICO?

Trabalho apresentado como Tema Livre

XVIII Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil.

CRIAÇÃO – Curitiba -201

MÚSICA E ARQUÉTIPO, OUVIR MÚSICA É ARQUETÍPICO?

A noção de arquétipo é muito importante na obra de Carl Gustav JUNG. Tendo se tornado um dos conceitos fundamentais da Psicologia Analítica, surgiu através da constatação de que a psique humana apresenta certos padrões básicos que se repetem.

A palavra arquétipo vem do grego *ἀρχή*, *arché*, que significa principal ou princípio; o primeiro modelo de alguma coisa. “*Archetypus*” portanto, segundo o dicionário, quer dizer tipos primeiros, tipos primordiais.

O conceito de arquétipo, não é novo, como o próprio JUNG nos lembra.

Entre aqueles que já utilizaram este termo, estão Santo Agostinho, que se aproxima das idéias de Platão que o usava para designar idéias como modelos de todas as coisas existentes, e também Aristóteles, que o utilizou quanto às formas. Enquanto esses autores o definiam como algo universal no sentido filosófico, JUNG tomou-o “emprestado”, buscando aplicar esta idéia no campo da Psicologia, o que foi uma novidade e talvez a contribuição mais radical e importante para a história do pensamento psicológico do Ocidente.

Para JUNG, os seres humanos tem formas primárias e estruturais básicas que governam a psique. Essas estruturas e padrões psíquicos básicos, ele definiu como arquétipos:

Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na nossa constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas *formas de conteúdo*, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado...¹

Ouvimos música, e a música em geral, nos toca, ativando os arquétipos em nós, produzindo reações instintivas e emocionais, que independem da razão. JUNG diz que quando o arquétipo é ativado, “*surge uma compulsão que se impõem a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade...*”².

Ao escutarmos canções e músicas, estas podem provocar diferentes emoções em cada um de nós.

¹ JUNG, C.G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo CW IX/I*, par. 99.

² Idem. par. 99.

Podemos chorar, rir, entristecer-se, sentir saudades, alegrar-se, enternecer-se e comover-se ao som de uma música. Há tantas diversas emoções, que não poderiam ser todas aqui descritas ou nominadas. Independente de onde nos encontramos geograficamente, e do contexto histórico em que estamos inseridos, o ser humano é tocado pela música. Sendo este comportamento universal, podemos dizer que reagir psicologicamente à música é arquetípico. E o é, porque é comum e reconhecemos como tal.

Os arquétipos são padrões, ou melhor, estilos de comportamento e imagens universais existentes desde os tempos mais remotos, comuns a todos nós seres humanos e se repetem em toda experiência humana.³ HILLMAN reforça e amplia esta idéia, afirmando que “(...) *arquetípico pertence a toda a cultura, a todas as formas de atividade humana(...)*”.⁴

Segundo JUNG, nunca vivenciamos o arquétipo em si, mas as imagens arquetípicas. JUNG diz que os arquétipos não têm representações próprias, a não ser através dos mitos, sonhos e visões, ou seja, de imagens arquetípicas.

... Não devemos confundir as representações arquetípicas que nos são transmitidas pelo inconsciente, com o *arquétipo em si*. Essas representações são estruturas amplamente variadas que nos remetem para uma forma básica *irrepresentável*. (...) Seja o que dissermos a respeito da natureza dos arquétipos, eles não passarão de visualizações e concretizações que pertencem ao domínio da consciência. Mas não temos outra maneira de falar sobre os arquétipos senão esta. É preciso dar-nos conta de que aquilo que entendemos por “arquétipos” é, em si, irrepresentável, mas produz efeitos que tornam possíveis certas visualizações, isto é, as imagens arquetípicas.⁵

Mesmo os arquétipos sendo universais, e nossas vivências parecidas com as de todos os outros seres humanos, cada vivência é única. Cada ser humano vivencia a manifestação arquetípica, de acordo com suas disposições individuais, como uma maneira particular do universal. Afirma JUNG, que “os *arquétipos são os elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam*

³ “O conceito de *arquétipo*, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar.” JUNG, C.G. *Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, CW IX/I, par. 89.

⁴ HILLMAN, J. *Psicologia Arquetípica*, (Ed. Cultrix, 1983) p.21.

⁵ JUNG, C.G. *A Natureza da Psique*, CW VIII/2, par. 417.

constantemente de forma”⁶, e mais, “a imagem “ordenada” por ele (arquétipo) e percebida pela consciência volta sempre a aparecer como variante subjetiva na vida de cada indivíduo”.⁷ Cada um de nós, portanto, é tocado pela música à sua maneira, seja porque choramos, rimos ou sentimos saudade, independente das preferências de estilos musicais, ou de autores.

Para JUNG, os arquétipos são carregados de energia, e tem um objetivo. A consciência de que a expressão da emoção pela música tem uma intenção, e está a serviço de algo em nós, nos dá a possibilidade de imaginar que nos diferentes estilos de música e em seus diversos autores, estejam a manifestações de diferentes e diversos arquétipos. Podemos então buscar perceber nas músicas, qual a função arquetípica presente, qual seu sentido e finalidade.

JUNG fez muito poucas referências à música em tudo o que escreveu⁸, um dos raros comentários encontra-se numa carta a Serge MOREUX, editor da revista francesa *Polyphonie*, e num interessante encontro dele com a pianista de origem inglesa Margaret TILLY.

MOREUX, pediu para Jung escrever um artigo para o número especial da revista (“*Revue Musicale*”), “*La musique et les problèmes de l’Homme*” sobre o tema “*Le rôle de la musique dans l’expression de l’inconscient collectif*”.⁹ Jung respondeu-lhe através de carta, declinando o convite, porém falou alguma coisa sobre música, disse ele:

É certo que a música, bem como o drama tem a ver com o inconsciente coletivo; (...) De certa forma, a música expressa o movimento dos sentimentos (ou valores emocionais) que acompanham os processos inconscientes. O que acontece no inconsciente coletivo é por sua natureza arquetípico e os arquétipos têm sempre uma qualidade numinosa que se manifesta na acentuação do emocional. A música expressa em sons o que as fantasias e visões exprimem em imagens visuais.¹⁰

⁶ JUNG, C.G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, CW IX/1, par. 301

⁷ JUNG, C.G. *A Natureza da Psique*, CW VIII/2, par. 270, nota de rodapé 8.

⁸ “As referências à música são relativamente poucas nos escritos de Jung – menos de vinte citações no índice geral das Obras Completas.” McGUIRE, W. e HULL, R.F.C. *C.G.Jung: Entrevistas e Encontros*, Ed. Cultrix, pg. 247.

⁹ JUNG, C.G. *Cartas 1946-1955, Volume II*, pg.150.

¹⁰ Idem, pg. 150.

Já a pianista Margaret TILLY fez experimentos sobre o valor terapêutico da música em determinados casos, o que a levou a conhecer e ter experiência pessoal com a análise junguiana. Estimulada por analistas a informar Jung sobre seu trabalho, ela enviou-lhe ensaios do que tinha escrito ao que através de sua secretária, ele respondeu convidando-a a ir à Küsnacht. Neste encontro, Jung, curioso pelo trabalho dela, pediu-lhe para que contasse o que fazia com sua própria linguagem, ela começou a tocar piano. Ele ficou profundamente comovido, e passaram a trabalhar falando como ela procedia em diferentes casos com a música, ao que ele afirmou: *“Isto alcança o material arquetípico profundo que nós só podemos atingir por vezes, em nosso trabalho analítico. É extraordinário.”*¹¹

Estas afirmações de JUNG confirmam a tese de que através da música, o ser humano pode vivenciar manifestações arquetípicas e também do quanto os sentimentos estão envolvidos nisso.

Se a música nos afeta emocionalmente, podemos fazer ampliações psicológicas a cerca desta idéia.

MÚSICA E FUNÇÃO SENTIMENTO

James HILLMAN, afirma que *“as emoções são estados altamente significativos”*¹², onde difere a emoção do afeto, aproximando “afeto” de instinto, reações primitivas¹³. Afirma que a emoção, portanto, se baseia no afeto e contém uma dimensão de sentimento.

Como a música nos emociona, ela própria pode ser entendida dentro da função sentimento, pois, “escuto e me reconheço, e me reconheço, porque é arquetípico, é comum”.

A música nos põe em contato com a função sentimento, que, segundo JUNG, é uma das funções que nos ajuda a dar valor a nossas experiências, e pertence à nossa vida psíquica e sua base.

¹¹ McGUIRE, W. e HULL, R.F.C. *C.G.Jung: Entrevistas e Encontros*, Ed. Cultrix, pg. 248.

¹² HILLMAN, J. *A Tipologia de Jung, A função sentimento*, p.125

¹³ “(...) considerar os afetos antes como dinamismos primordiais, unilaterais e parciais de liberação, bem mais próximos daquilo que os estudiosos do comportamento animal denominam reações inatas (instintivas) (...)” Idem, p. 125.

Ao escutarmos música, não separamos o sentimento da psique, como fez o pensamento moderno, pois o sentimento aparece espontaneamente e faz parte da atmosfera do ouvir música. É um momento onde não há interferência de perguntas e respostas verbais, que por si só, já nos distanciam do próprio sentimento em si.

Nossos sentimentos não são apenas “nossos”, no sentido do “eu sinto” - pessoal ou de posse - provavelmente esta seja uma idéia do ego que sente, pois “nossos” sentimentos, são num sentido muito mais amplo, algo “em que” estamos. HILLMAN diz que os sentimentos são comuns e coletivos.

“(…) o sentimento é a via regia para o inconsciente, não apenas na nossa vida pessoal, como também no plano dos dominantes arquetípicos mais amplos que nos fazem suas reivindicações impessoais por meio dos sentimentos. Isso implica que nossos sentimentos, na superfície tão estritamente íntimos e propriedade pessoal “nossa”, também apresentam seu aspecto arquetípico impessoal, merecendo ser reconhecidos nesse nível.”¹⁴

Compreendemos as músicas com a participação do sentimento, não apenas ouvindo fisicamente com os ouvidos. Ficamos frente a uma equação simbólica que fizeram os junguianos que nos leva da música ao sentimento como um modo particular de funcionamento com o mundo.

Escutar música pode ser em sentido último, um jeito de fazer alma e ao mesmo tempo, refinar a função sentimento.

Priscila Valente Alonso

agosto/2010.

Out/2010

Houaiss:

Ouvir: perceber pela audição; ter sentido da audição.

Etim. :latim: áudio = ouvir

Escutar: estar cinsciente do que está ouvindo; ficar atento para ouvir, dar atenção.

Etim.: latim= ouvir com atenção.

¹⁴ Idem, p. 118.